

CONTINGÊNCIAS CULTURAIS E AUTOPERCEPÇÃO CORPORAL EM ATLETAS MULHERES A PARTIR DE UM OLHAR ANALÍTICO COMPORTAMENTAL

TIFFANI GOMES CARDOZO¹; **MARTA MIELKE VARZIM**²; **JANDILSON AVELINO**
DA SILVA³

¹*Universidade Federal de Pelotas – tiffanicardozo@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – marta.varzim@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – jandilsonsilva@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A aplicação da psicologia comportamental no esporte é pautada na análise do comportamento (AC), que segundo Souza e Gongora (2016) têm revelado potencial para aprimorar comportamentos atléticos em diversas modalidades esportivas, sendo assim, ao aliar AC e psicologia do esporte é possível conhecer os repertórios comportamentais dos atletas e compreender melhor os comportamentos emitidos. Estudos sinalizam para a presença e reprodução de padrões culturais em relação ao ideal de corpo em ambientes esportivos e não esportivos (SABISTON et al., 2019), como o familiar.

A autopercepção, compreendida enquanto um comportamento perceptivo, é construída a partir das contingências que se estabelecem pelas interações com o ambiente, selecionadas pela filogênese, ontogênese e pela cultura, sendo influenciada e ativada por todas as experiências presentes na história do indivíduo no momento em que ele se comporta. Neste sentido, Skinner (1994) ressalta a importância do nível de seleção cultural, para a construção do self (eu).

Ao considerar a impossibilidade de uma análise comportamental que separe atletas de todas as variáveis dos contextos nos quais se está inserido(a) (SOUZA; GONGORA, 2016), torna-se necessário observar os impactos desses contextos na construção da imagem corporal de atletas. Portanto, esse estudo visa abarcar tanto o contexto diretamente ligado ao âmbito esportivo quanto ao não esportivo para analisar suas possíveis implicações na autopercepção corporal de atletas mulheres.

2. METODOLOGIA

Estudo interpretativo de campo com coleta de dados qualitativos e quantitativos, por meio da aplicação de um questionário autoaplicável, construído pelos pesquisadores, com 40 questões, dentre elas 13 fechadas e 27 abertas. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), tendo CAAE nº 69896723.0.0000.5317. Foi realizada uma validação semântica do questionário e uma questão precisou ser reformulada. A coleta ocorreu entre 28 de junho e 17 de julho, por meio da plataforma *Google Forms*, o convite foi enviado a clubes e disponibilizado nas redes sociais.

Os dados quantitativos foram utilizados para caracterizar a amostra, por meio de análise estatística descritiva geradas pelo programa Excel. Para os dados qualitativos foi realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016), que consistiu em três etapas: pré-análise, exploração do conteúdo e interpretação.

Participaram do estudo 11 respondentes mulheres, mas a amostra analisada contou com 10 mulheres devido ao critério de exclusão de possuir diagnóstico psiquiátrico prévio (n=1). A média de idade foi de 19,5 anos (DP= 2,4), com atletas de modalidades futebol (n=3), futsal (n=2), natação (n=1), rugby (n=3) e remo (n=1). Em relação à cor/raça, 7 atletas se autodeclararam brancas, 2 pretas e 1 parda.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2016), foram elencadas 15 categorias iniciais posteriormente agrupadas em quatro categorias finais: Relações entre a prática esportiva e insatisfações corporais, Saúde psicológica, Feminilidades no meio esportivo e Construção da imagem corporal a partir dos diferentes contextos. Assim, a seguir a categoria Feminilidades no meio esportivo será discutida a partir de uma reflexão analítica comportamental.

A participação feminina no esporte é permeada por questões de gênero, o que ainda torna difícil o acesso e permanência de mulheres no contexto esportivo, visto o enfrentamento constante de barreiras socioculturais. A representação naturalizada a qual vincula características corporais para diferenciar homens e mulheres reproduz e auxilia na manutenção de desigualdades e papéis sociais (GOELLNER, 2007) que ainda repercutem no meio esportivo.

Nesse cenário, LUOMA, HAYES e WALSER (2022) a partir de seus estudos em Terapia da Aceitação e Compromisso (ACT), prática clínica em AC, apontam o conceito do outro-como-conteúdo, o qual acarreta em uma avaliação e descrição do outro como objeto ao considerar apenas a fusão de narrativas que o descrevem. Tal comportamento pode corroborar para que o outro passe a ser visto a partir de padrões socioculturais estabelecidos, como foi possível observar nas respostas das atletas deste estudo, ao ressaltar o preconceito como variável presente no esporte e afirmarem terem suas características corporais comparadas a de homens.

Respondentes praticantes de futebol, sinalizaram questões vinculadas ao preconceito quando questionadas sobre os fatores presentes no ambiente esportivo que causam sofrimento psicológico. Compreende-se por preconceito, os comportamentos condicionados pela cultura e dirigidos a membros de um grupo ou a um indivíduo (NELSON, 2009), emitido de forma privada ou pública. No contexto esportivo é possível perceber os estereótipos sociais de gênero que atravessam as relações sociais.

Ainda, na questão relacionada à maneira como o ambiente esportivo influencia na percepção corporal do(a) atleta, foi indicada a maneira como o uniforme fica no corpo. No que diz respeito ao uniforme feminino, às entrevistadas pelo INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO (2021) salientam a discrepância quando comparados com os masculinos, o feminino é menor. Além disso, o formato e tamanho dos uniformes pode gerar desconforto e contribuir para o surgimento de preocupações com a imagem corporal, bem como impactar na confiança das atletas visto que podem excluir as diversas formas e tamanhos de corpos (SABISTON et al., 2020).

Na questão relacionada a comentários vindo de familiares e amigos, duas atletas, uma de rugby e outra de natação, sinalizaram escutar comentários, que ressaltam o atravessamento de gênero na forma corporal uma vez que demonstram uma preocupação de que as atletas adquiram características corporais masculinas.

De acordo com a autora GOELLNER (2005), um dos fatores que acarretam na dificuldade da inserção e permanência de mulheres em determinadas modalidades esportivas diz respeito a uma construção social em torno das noções de beleza direcionadas à mulher. Dessa forma, atletas vinculadas a modalidades historicamente consideradas masculinas, como o futebol, podem acabar vivenciando situações que comparem suas características corporais às de homens, reforçando o estereótipo feminino socialmente esperado.

No estudo realizado por SILVEIRA e STIGGER (2013) as jogadoras apontaram a masculinização do corpo da mulher no futsal como maneira de estigmatizar o esporte. Além disso, a existência de uma associação entre a masculinização da mulher e à homossexualidade ocasiona em uma resistência por parte da mídia em divulgar o esporte feminino, essa associação também pode acarrear em uma privação ou abandono do esporte como apontado por ALTMANN e REIS (2013).

Outro conceito da ACT, prática clínica em AC, proposto por LUOMA, HAYES e WALSER (2022) que dialoga com os achados, aponta a existência de um eu-como-conteúdo que se baseia nas crenças e descrições de si próprio, estabelecidas a partir de contingências como, por exemplo, a cultural. Esse comportamento pode ser considerado útil na medida em que a comunidade social consegue prever seus comportamentos, bem como adquire maneiras de influenciar no comportamento. Ainda, ao manter esse padrão comportamental o indivíduo pode passar a desenvolver comportamentos que geram sofrimento, visto a busca contínua para viver dentro das características esperadas para si.

Assim, o percurso e permanência da mulher no contexto esportivo mostra-se perpassado por questões de gênero que por vezes reproduzem comportamentos de objetificação ao reduzir mulheres a narrativas socialmente construídas com a finalidade de afastamento das mesmas de esportes considerados masculinos. Soma-se a isso, os possíveis comportamentos que mulheres passam a ter, a partir das contingências apresentadas pelo meio, a fim de conseguirem se manter nas suas modalidades, o que reforça a importância do conhecimento de consequências específicas para compreender os possíveis motivos de determinado comportamento ser emitido.

TSAI et al. (2009), em relação a Psicoterapia Analítico Funcional (FAP), outra prática clínica em AC, identifica o papel essencial da consciência social, uma vez que o organismo muda e é modificado pelo ambiente. Dessa forma, a melhoria em repertórios de apego e intimidade podem aumentar a probabilidade de comportamentos de tolerância à diversidade, compaixão e consideração humana, o que implicaria em evocar comportamentos de responsabilidade social necessários para a mudança do ambiente, o que possibilitaria um lugar mais acolhedor e seguro.

4. CONCLUSÕES

Este estudo buscou contribuir para a literatura ao possibilitar uma compreensão dos comportamentos emitidos por atletas a fim de conscientizar sobre as possíveis implicações do meio esportivo e não esportivo na percepção corporal. Soma-se a isso, a oportunidade de dar espaço para mulheres atletas relatarem as violências que vivenciam, assim como divulgar tais dados com o propósito de trazer para debate o tema e suscitar em movimentos de mudança em ambientes nos quais atletas estão inseridas.

Também, algumas limitações encontradas mesmo após a sua realização

foram a aplicação do questionário online, visto que impossibilitou um aprofundamento das questões realizadas diante dos participantes, assim como limitou o conhecimento acerca do repertório de aprendizagem. Ainda, percebeu-se uma limitação ao não terem sido coletados dados empíricos acerca das relações entre as variáveis do estudo. Outra limitação foi que a escassa literatura sobre essa temática impossibilitou um diálogo de questões relacionadas ao esporte a partir de uma interpretação analítica comportamental de forma mais ampla e profunda.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, 211-232. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/35077>>
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, 143-51. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>>
- GOELLNER, S.V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 171-196. 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/3554>>
- INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Mulheres no esporte: pesquisa sobre equidade de gênero**. 2020
- LUOMA, J. B.; HAYES, S. C.; WALSER, R.D. Aprendendo ACT: manual das **habilidades da terapia de aceitação e compromisso para terapeutas**. 2a ed. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2022.
- NELSON, T. D. **Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination**. Psychology Press. 2009.
- SABISTON, C. M.; PILA, E.; VANI, M.; THOGERSEN-NTOUMANI, C. Body image, physical activity, and sport: a scoping review. **Psychology of Sport and Exercise**, 42, 48–57. 2019. Disponível em:<<https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.12.010>>
- SABISTON, C.M; LUCIBELLO, K.M; KUZMOCHKA-WILKS, D.; KOULANOVA, A.; PILA, E.; SANDMEYER-GRAVES, A.; MAGINN, D. What's a coach to do? Exploring coaches' perspectives of body image in girls sport. **Psychology of Sport and Exercise**, 48, 1-9. 2020. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1469029219305102>>
- SILVEIRA, R.; STIGGER, M.P. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, 179-194. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbce/a/pZqmxHfKkX6Px5CrzgFJGcj/abstract/?lang=pt>>
- SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes. 4. ed. 1994.
- SOUZA, S. R; GONGORA, M. Análise do comportamento e psicologia do esporte: alguns esclarecimentos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, 6, 133-150. 2016. Disponível em:<<https://doi.org/10.31501/rbpe.v6i1.6719>>
- TSAI, M., et al. **Um Guia para a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP): Consciência, Coragem, Amor e Behaviorismo**. Seattle: Springer. 2009.